

IV PROJETAR 2009
PROJETO COMO INVESTIGAÇÃO: ENSINO, PESQUISA E PRÁTICA
FAU-UPM SÃO PAULO BRASIL
Outubro 2009

EIXO: PROPOSIÇÃO
VIOLÊNCIA X SEGURANÇA - SABER ENTENDER A DIVERSIDADE.
O ARQUITETO ESTÁ PREPARADO PARA PROPOR SOLUÇÕES DIFERENTES?

Luiz Neves

Arquiteto e Urbanista, Mestre em Planejamento Urbano e Regional – UFRJ

Professor Assistente

Universidade Federal do Rio de Janeiro, EBA - Escola de Belas Artes.

Av. Pedro Calmom, 550, Ilha do Fundão - Cidade Universitária

Telefone: (55 21) 2125981648 Fax: (55 21) 2122809590

Rio de Janeiro, RJ - Brasil

e-mail: ead.arquitetura@ig.com.br

Glaucia Augusto Fonseca

Arquiteta e Urbanista, Mestre em Ciências da Arte – UFF

Professora

Universidade Gama Filho

Centro Universitário Metodista Bennett

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea

Telefone: (55 21) 3527-1001

Rio de Janeiro, RJ - Brasil

e-mail: glauciaaugusto@gmail.com

RESUMO

Palavras - chave: Arquitetura, violência, proposição

O objetivo deste trabalho é analisar a intensificação do medo generalizado de morar nas cidades, assim como a arquitetura dele decorrente. A proposta avalia e examina a percepção e o peso [valorização] da proteção contra a violência nos projetos de arquitetura. Especificando o estímulo do entendimento do projetual no curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, nosso interesse se volta para os estudos dos edifícios residenciais, urbano carioca, mais precisamente, no lugar onde acontece a transição de acesso entre o espaço público e o privado, pontualmente nas alterações das portarias dos edifícios e no seu espaço de recuo frontal.

ABSTRACT

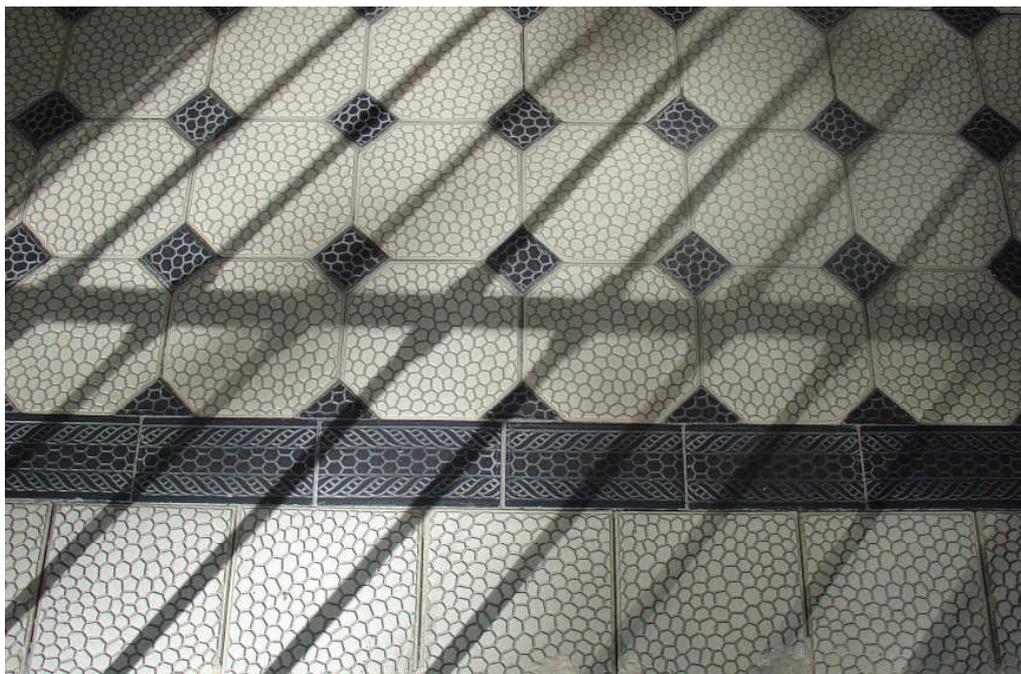
Keywords: Architecture, violence, proposition

The objective of this work is to analyze the increased concern of living in the big cities, as well as the resulting architecture. Our proposal intends to look into the perception and the value of the protection against the violence in the architecture projects, with a special looking for residencies building programs. Seeking to understand the architecture project, our interest focus on Rio de Janeiro urban residencies building, more specifically, in the transition point between the public and the private places. In the alterations of entrances of the buildings and in the front recoil place.

RESUMEN

Palabras - clave: arquitectura, violencia, proposición

El objetivo de este estudio es examinar la intensidad del miedo generalizado de la vida en las ciudades y la arquitectura en este. Nuestra propuesta se evalúa y analiza las percepciones y peso [valor] de la protección contra la violencia en los proyectos de la arquitectura. Especificar el fomento de la comprensión de los proyectos en el curso en la facultad de Arquitectura y Urbanismo, nuestro interés se dirige al estudio de los edificios residenciales, en zonas urbanas de Río de Janeiro, más precisamente, en el caso de que la transición entre el espacio público y privado, en ocasiones en cambios en las porterías de los edificios y el su espacio de alejamiento frontal.



1: Piso de portaria residencial com sombra do gradil
VIOLÊNCIA X SEGURANÇA - SABER ENTENDER A DIVERSIDADE.
Foto do autor

INTRODUÇÃO

O crescente índice dos atos de violência urbana gera, na sociedade atual, uma procura descomedida pelo desenvolvimento e utilização de dispositivos e técnicas com o propósito de afiançar a integridade do indivíduo e da propriedade. E não só os costumes corriqueiros ajuízam esta atmosfera de pânico, a forma das habitações e da própria cidade também foi modificada em função deste fato já profundamente assinalado por emblemas que comprovam a sensação da insegurança dos habitantes das cidades marcadas por paisagens de muralhas, fossos, arames farpados, lanças e seteiras. Não retratamos aqui, um castelo medieval, mas edifícios e casas das nossas cidades. Os grandes centros urbanos cada vez mais incorporam à sua arquitetura elementos utilizados na Idade Média, como proteção ao invasor desconhecido, de fora do gueto. Faz parte da cultura humana a preocupação com o local seguro para habitar e trabalhar - a garantia do "teto". Que a mesma seja duradoura, aconchegante, acolhedora, resistente, que atinja seus ideais, mas ao mesmo tempo propicie segurança e proteção.



Fig. 2: Muro com arame farpado e grades com lanças
Foto do autor

O obstáculo físico e a vigilância eletrônica atenuadas de impessoalidade desestimulam a vida coletiva, integrada e socializada, que avaliamos ser o melhor mecanismo contra a violência. A falta de integração entre os cidadãos, materializada pelas barreiras arquitetônicas que se relacionam com o limite entre o espaço público e privado, acabam por servir de estímulo à geração de mais violência; segundo estudos e pesquisas dos índices de violência¹ o fruto da cultura do medo e preconceito social, geram um ciclo que deteriora as relações sociais do dia a dia.



Fig. 3: Edifício residencial. Av. Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro
Foto do autor

A arquitetura por si só não resolve os problemas de violência nas nossas cidades, porém acreditamos que a atuação de profissionais conscientes das reais condições sociais e preparados para atuar em um espaço urbano fragmentado e diversificado (cultural, social e econômico), poderão contribuir para melhores soluções projetuais. Com isso o nosso trabalho pretende identificar as propostas que se arquitetam para atender as questões relacionadas a “violência”, definida por ampla atribuição de valores e preconceitos.



Fig. 4: Edifícios residenciais. Rua Senador Vergueiro e Praia de Botafogo – Rio de Janeiro
Foto do autor

¹ In Loco na área de estudo aplicado- bairro da Glória, Rio de Janeiro e ISP/RJ. Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro.

Como o arquiteto reproduz a proteção contra a violência no projeto de arquitetura, em especial no edifício residencial? Existem expectativas por propostas que criem condições favoráveis à integração entre os espaços públicos e privados, caracterizado pelo recuo frontal? De que maneira os resultados das soluções imediatistas (barreiras, grades e muros), repercutem na construção da paisagem?



Fig. 5: Edifícios residenciais.
Rua Xavier da Silveira e Av. Atlântica. – Rio de Janeiro
Foto do autor

ABRIGO E PROTEÇÃO

Desde a Pré-História, o abrigo contextualiza-se como sendo a construção predominante nas sociedades primitivas, o elemento principal da organização espacial de diversos povos. A presença do abrigo no inconsciente coletivo destes povos marcou a cultura de várias sociedades posteriores, citados em diversos momentos da história da arquitetura por Vitruvius na antiguidade, Alberti na renascença entre outros autores.

Os conceitos “proteger” e “guardar” estão na base da idéia de morar, de se abrigar sob um teto. Essas expressões se tornaram uma espécie de lema, um mandamento quase militar sobre o modo de ocupar e de se organizar em uma grande cidade.

Condomínios fechados, muros gigantes, arames farpados, as portarias deixaram de ter a função de encontro para se resumir em um setor de controle e seleção. Essa é a paisagem urbana atual. O que significa viver, morar e se proteger sob essas circunstâncias de medo permanente? Medo de quem ou do quê?

“Na arquitetura os elementos de passagem são fundamentais. Vias e ruas são os caminhos horizontais, elevadores e escadas verticalizam nosso caminhar, espaços dinâmicos que nos incitam o percurso, a idéia de tempo e liberdade. Quando a arquitetura perde esses sentidos, fica carente de seu maior atributo. Gradeamos praças, nos isolamos em muros altíssimos em nossas casas e trancamos nosso olhar em janelas que não se abrem para o vento. Qualquer possibilidade de “espaços vazios” é prontamente negada, quando deveria ser o mais desejado. Amputamos assim qualquer possibilidade de encontro e convivência livre. Nossos espaços são vigiados eletrônica e fisicamente. Público e privado confundem-se, e a cidade, no entanto, considera-se moderna.”

Ciro Pirondi



Fig. 6: Edifícios residenciais. Rua Andrade Pertence. – Rio de Janeiro
Foto do autor

Janes Jacobs escreveu à quase meio século, o tratado “Morte e Vida nas Grandes Cidades”, delineando uma situação que hoje passou do controle.

Os tempos atuais nos remetem a um individualismo patológico. Aonde um carro é roubado no meio de dezenas de pessoas, se que ninguém esboce uma reação, não nos comprometemos com uma situação que reverta na mudança do nosso objetivo, mesmo que este seja imediatista e rotineiro.

Um dos grandes pensadores do papel da arquitetura hoje, Hirsch acredita que os arquitetos devem voltar a ter ambição de artistas e parar de se dedicar à construção sem fim de fronteiras. “Quando se fala sobre o assunto, deve ser entendida como algo físico, onde cada construção cria fronteiras específicas (parede, chão e teto) agindo como limites materiais separando o sistema interno do ambiente exterior.”

Segundo Ferraz e Teresa Caldeira, em pesquisa sobre o tema segurança, os condomínios residenciais cercados, proliferaram como opção segura de se viver nos anos 70. As soluções de isolamento foram intensificadas na década de 90, como símbolo de status, e estendidas para os edifícios residenciais com inclusões de grades e sistemas de segurança, favorecendo a comercialização de empreendimentos imobiliários que passaram a evidenciar a segurança, incorporados como parte obrigatória dos condomínios em construção.



Fig. 7: Edifício residencial. Rua Candido Mendes. – Rio de Janeiro
Foto do autor

À medida que os índices de violência e a insegurança crescem, a indústria de proteção torna-se cada vez mais lucrativa, assim, as estratégias de proteção acabam redesenhando a arquitetura nas cidades, com mais visibilidade no aspecto formal dos edifícios residenciais. Dentro das estratégias mais contundentes de proteção residencial, os custos sociais são agravados pelas conseqüentes alterações comportamentais coletivas proporcionadas pelo isolamento humano, que tem sido explicitado e simbolizado tipologias.

Dentro deste contexto, na maioria dos imóveis, foram adicionados canteiros externos, ligados aos muros, compostos de plantas espinhosas que, ao invés de embelezarem a cidade, possui a função de afastar os pedestres, diferente das antigas casas com janelas e balcões frontais que permitiam a contemplação do movimento das ruas, dos transeuntes, dos vizinhos, dos grupos de diversas categorias, como entretenimento e interação social.

Ressaltando a avidez e o desejo de segurança, o autor Enzensberger² aponta o tempo, a atenção, o espaço, o sossego, o meio ambiente e a segurança como os “luxos do futuro”.

² Zig-zag, São Paulo: editora Imago, 2003.

“A segurança é provavelmente o mais precário de todos os bens de luxo. Na medida em que o Estado não pode garanti-la, cresce a demanda privada e os preços disparam. Guarda-costas, serviços de vigilância, dispositivos de alarme, tudo o que promete segurança integra hoje o estilo de vida dos privilegiados, e o ramo pode contar, no futuro, com altas taxas de crescimento. Quem se muda para o bairro dos ricos, logo pressente que o luxo do futuro não promete um puro desfrute. A exemplo do passado, ele não ensejará apenas liberdades, mas também coerções. Pois o privilegiado que se quiser pôr em segurança não exclui somente os outros; exclui a si mesmo.”

A vida dentro dos muros pode provocar a sensação de que viver com liberdade é estar super protegido, mesmo que isso signifique o empobrecimento das relações humanas nas cidades e a convivência nos espaços públicos.

Para arquitetos e urbanistas, a “arquitetura do medo” é um campo de complexa conceituação para ser estudado. Trata-se de pesquisar de que maneira uma comunidade se comporta, que soluções encontram diante de situações extremadas de violência.

A expressão “arquitetura do medo” não significa apenas mecanismos evidentes de proteção, fazem parte dela também o aumento dos espaços fechados, centros comerciais isolados, e paisagem urbana. Existe algum componente curricular que esteja relacionado com essa temática? Seria essa uma prática projetual usual no ensino das nossas escolas de arquitetura? O aluno estaria apto a desenvolver soluções que atendessem as necessidades de segurança do habitar sem desvincular as relações existentes entre os limites do público x privado?

CONHECIMENTO E APRENDIZAGEM

O aprendizado de uma profissão corresponde, entre outros aspectos, a incorporação de conhecimentos e habilidades relacionadas às atividades a serem desenvolvidas pelos profissionais. Na área de projeto, esse aprender envolve a consolidação de um acervo de seu repertório projetual, imposto pelo ensino.

E na arquitetura o ensino tem sido tradicionalmente orientado para a produção do projeto arquitetônico, no entanto é facilmente perceptível as contradições relacionadas a questões de ordem entre proteção, violência e segurança para a vida em sociedade, hoje é trabalhado isoladamente, sem conexão com as questões projetuais, transitamos pela antropometria, pelo conforto térmico e ambiental, sem que percebamos a grande importância das relações entre o público e o privado “exterior e interior”.

É comum percebermos que o processo inicial para o desenvolvimento de um projeto, requer estudos de fluxos, organogramas, modelagem com investigações no heliodon, sem a percepção da devida importância e entendimento das questões relacionadas à segurança de um edifício, além dos básicos muros e grades que conhecemos.

Com uma intencionalidade quase que mecânica, vedamos nossos terrenos sem ao menos nos permitirmos pensar projetualmente sobre essas integrações.

O belo deu lugar para o seguro. Sendo assim, quais as novas propostas para trabalharmos essas fronteiras, vinculando-as com o processo projetual desde o seu início, com o propósito do seguro ser belo? Quais seriam as ferramentas necessárias para solucionar a individualidade das propostas projetuais desvinculadas das questões de segurança.

Em nosso trabalho de pesquisa, com alunos da graduação, elegemos os edifícios residenciais no bairro da Glória. O estudo de caso, iniciado por visitas, entrevistas, investigações e discussões em plenária, tem como objetivo a percepção das alterações de implantações relacionadas à segurança que estão desvinculadas ou inequivocadamente, formuladas pela arquitetura projetada.

A pesquisa servirá para traçar o perfil das alterações posteriores à construção, relacionadas à transgressão que passa pela apropriação dos espaços públicos desconsiderando o direito coletivo.



Fig. 8: Edifício residencial. Rua Santo Amaro – Rio de Janeiro
Foto do autor

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento projetual não nasce estruturado, apresenta-se através de uma desordem radômica, no local que as idéias são testadas, abandonadas e aprovadas, para posteriormente serem elaboradas. As fases de negociação entre a análise, a síntese e a avaliação, não são percebidas quando focamos para as questões relacionadas ao setor limítrofe do terreno.

Arquitetos e Urbanistas elaboram e testam suas idéias através dos desenhos, e por eles é possível conversar com a própria situação projetual, elaborando-a e modificando-a, até que julgue satisfatória para o autor. Onde estaria a audácia e o raciocínio autônomo quando pensamos e projetamos os elementos divisórios entre o público e privado?

Aprender significa ver muito, buscar muitas soluções encontradas por outros arquitetos. Há que se buscar um vocabulário há que se olhar o mundo com olhos de ver.

- Será que estamos formando arquitetos e urbanistas preparados para saber observar a diversificada composição da população das nossas cidades com as suas complexas relações sociais e culturais?

- Estão as nossas Escolas de Arquitetura e Urbanismo, preparadas em suas grades curriculares e corpo docente, para formar novos profissionais em condições de desenvolverem soluções em que o projeto de arquitetura atenda as condições de segurança do habitar?

- Estão os estudantes de arquitetura e urbanismo aptos apenas para projetar soluções imediatistas e cenográficas, como por exemplo, uma grade com um desenho paginado, tentando camuflar as “barreiras” (rua/edifício)?

- Capacitamos os novos arquitetos para saber observar e respeitar as relações entre os espaços públicos e privados, proporcionando segurança, porém sem proposições de isolamento?

- O Desenho [forma] na arquitetura tem símbolos que resgatam valores e ajudam a inclusão social?

Entre muitas indagações mencionadas anteriormente, constata-se, o distanciamento existente entre a teoria, a reflexão crítica e a prática da arquitetura.

Acreditamos que um dos caminhos para que a arquitetura contribua na redução da violência nas nossas cidades, está na formação de profissionais; preparando-os para entender e aceitar as diversidades sociais e a complexa relação do uso coletivo do espaço público, que se encontra deteriorada.

Existe um consenso entre os profissionais da área de educação que aponta para os atuais recursos espaciais de segurança - ainda que bem intencionados – que só contribuem para perpetuar o problema. Um primeiro e importante passo para diminuir a violência seria usar a arquitetura e o urbanismo para intensificar a vivência urbana, diminuir a segregação espacial e melhorar a qualidade de vida dos cidadãos. Os projetos sendo elaborados com a integração de elementos arquitetônicos favorecendo a proteção do edifício desde sua concepção inicial, e não da maneira que percebemos – grades, muros e guaritas como visitantes incidentais do projeto de arquitetura.

Enfatizamos no ensino da Arquitetura e Urbanismo, prevenções nos atos projetuais, revertendo na ação de simplesmente o fazemos sem a consciência de que com atitudes insanas atingimos o desejo que queríamos, mas de uma maneira aleatória, seguindo tendências e não formando pensadores de arquitetura.

“A lição básica necessária para passarmos de uma cidade do medo para uma cidade de prazer e beleza nós sabemos de cor: basta fazê-la ou continuaremos viajando para ver a bela cidade que os outros fizeram.”
Ciro Pirondi



Fig. 9: Edifícios residenciais. Praça do Lido e Rua Ministro Tavares de Lima. – Rio de Janeiro
Foto do autor

Esperamos desta maneira, que se desenvolva dentro dos cursos de Arquitetura e Urbanismo a formação de profissionais com pensamentos que englobem segurança, proteção e beleza, sem que com isso a liberdade e as relações humanas se percam.

Andar pelas ruas pode representar um extenso passeio por idéias, dados e teorias, adquirindo conhecimento e decodificando as diversidades.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: A Busca por Segurança no Mundo Atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- CASTELLO, Lineu. A Percepção do Lugar, repensando o conceito de lugar em arquitetura-urbanismo. Porto Alegre: Editora PROPAR-UFRGS, 2007.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). Geografia: conceitos e temas 7.ed.. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 15-47.
- DUARTE, Cristiane R., RHEINGANTZ, Paulo A., Azevedo, Giselle, BROSTEIN, Lais. O lugar do Projeto, no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo, Rio de Janeiro: Editora Contra Capa, 2007.
- ENZENSBERGER, H. M. Luxo de onde vem para onde vai. Folha de São Paulo. Caderno Mais! 30/03/97.
- ENZENSBERGER, H. M. Zig-zag, São Paulo: editora Imago, 2003.
- FERRARA, L. D'. A. Ver a Cidade. São Paulo: Nobel, 1988. 81 p.
- FERRAZ, Sonia M. Taddei. Arquitetura da violência: morar com medo nas cidades. Quem tem medo de que e de quem nas cidades brasileiras contemporâneas? Disponível www.br.monografias.com/.../arquitetura-violência-cidades-contemporaneas.shtml. Acesso em 9 de agosto de 2007.
- FRIDMAN, A globalização e o desejo por segurança. Rio-democracia vista de baixo. IBASE, Rio de Janeiro, p.17-24, Julho. 2004.
- GUIMARÃES, Solange T. de Lima. Paisagens e ciganos: uma reflexão sobre paisagens de medo, topofilia e topofobia. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; RATTTS, Alecsandro J.P.(Org.) Geografia: leituras culturais. Goiânia: Alternativa, 2003. p. 49-70.
- JACOBS, Janes. Morte e Vida nas Grandes Cidades. Martins Fontes 2ª Edição, 2001.
- PIRONDI, CIRO. Entrevista. Revista TRIP, nº 168, 27/07/08, pgs 68 a 79.
- SENTO SÉ, João Trajano. Criminalidade, violência e imagens do Rio de Janeiro. In: BIRMAN, Patrícia; CRESPO, Samira; NOVAES, Regina (Org.). O mal à brasileira. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997. p. 135-146.
- SILVA, Luiz Antonio M. da. Sociabilidade violenta: uma dificuldade a mais para a ação coletiva nas favelas. Rio-democracia vista de baixo. IBASE, Rio de Janeiro, p.33-43, Julho. 2004.
- TEPERMAN, Sergio. As Cidades vivas, viva as cidades, crônicas sobre arquitetura e urbanismo, São Paulo: Editora Sesc São Paulo, 2008.
- TUAN, Yi-Fu. Paisagem do medo. São Paulo: Editora Unesp, 2005. 374 p.
- VIEIRA, Marcos Vinícius. Representações do medo da violência urbana na paisagem da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Revista Eletrônica Boletim do TEMPO, ano 2, n. 36, 2008.

LISTAGEM DAS ILUSTRAÇÕES

Fig. 1: Piso de portaria residencial com sombra do gradil / Foto Luiz Neves

Fig. 2: Muro com arame farpado e grades com lanças / Foto Luiz Neves

Fig. 3: Edifício residencial. Av. Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro / Foto Luiz Neves

Fig. 4: Edifícios residenciais. Rua Senador Vergueiro e Praia de Botafogo. – Rio de Janeiro / Foto Luiz Neves

Fig. 5: Edifícios residenciais.
Rua Xavier da Silveira e Av. Atlântica. – Rio de Janeiro / Foto Luiz Neves

Fig. 6: Edifícios residenciais. Rua Andrade Pertence. – Rio de Janeiro / Foto Luiz Neves

Fig. 7: Edifício residencial. Rua Candido Mendes. – Rio de Janeiro / Foto Luiz Neves

Fig. 8: Edifício residencial. Rua Santo Amaro – Rio de Janeiro / Foto Luiz Neves

Fig. 9: Edifícios residenciais. Praça do Lido e Rua Ministro Tavares de Lima. – Rio de Janeiro / Foto Luiz Neves